

ENTRE O RESSENTIMENTO E A CERTEZA DE SI: UMA PONTE

BETWEEN THE RESENTMENT AND THE SURE OF HIMSELF:
A BRIDGE

Júlia Gaertner Geyer

LIVRO: NARCISISMO: DO RESSENTIMENTO À CERTEZA DE SI

AUTOR: ALEXANDRE ABRANCHES JORDÃO

CURITIBA: JURUÁ, 2014, 244 P.

Ao finalizar o texto de 1914, “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud escreve a Abraham: “Tenho aí uma sensação muito forte de uma séria insuficiência” e afirma que o ensaio “tivera um nascimento difícil e mostra todas as deformações disso” (GAY, 1989, p. 314). Essas insuficiências presentes na obra freudiana são pedras preciosas a lapidar e esta é nossa tarefa e nosso dever enquanto psicanalistas pós-freudianos. As brechas na extensa obra que, devido à impossibilidade de uma vida eterna, Freud nos deixou como legado são aquilo de que precisamos para nos atrelarmos a fim de dar à psicanálise seu caráter contemporâneo.

Cem anos depois, o texto do narcisismo segue inquietando muitos e foi a sua vigência e seu caráter de abertura que inspirou Alexandre Abranches Jordão a escrever seu livro baseado na sua tese de doutorado: *Narcisismo: do ressentimento à certeza de si*.

O livro possui um estilo dialógico, no qual Jordão propôs uma nova compreensão do narcisismo ao aproximar o conceito com as ideias de Nietzsche e a psicanálise pós-freudiana de Ferenczi e Winnicott. Esse diálogo se torna possível e encantador, uma vez que, sob o prisma do narcisismo, as questões propostas são colocadas em termos de subjetividades e não de instâncias psíquicas.

A proposta do autor é o exame da configuração narcísica do sujeito, postulando o narcisismo a partir de duas vertentes: o narcisismo defensivo e um narcisismo suficientemente bom. O primeiro é caracterizado como o narcisismo que não tolera diferenças, que necessita confirmar-se todo poderoso, bem como necessita de aprovações constantes de sua potência. Seria a face da cristalização, da rigidez e da perenidade, assim como a manutenção da ideia de onipotência para futuros ganhos narcísicos. Essa vertente do narcisismo implica, conseqüentemente, em uma possibilidade restrita de existência subjetiva, ou seja, a existência do sujeito deve passar, obrigatoriamente, pelo Eu e suas funções. Assim sendo, pode ser entendido como uma precariedade da constituição narcísica. É essa precariedade que exige que algo venha constantemente conferir-lhe realidade, estabilidade e que precisa de inúmeras confirmações para se

manter. Essa estabilidade fortemente necessária ao sujeito do narcisismo defensivo é frágil e passageira. Ela perpassa por um desconhecimento de si e inúmeras astúcias para sua manutenção; forma encontrada de escapar do perigo da castração e da constatação do desamparo humano. Confere-se a proporção dolorosa da sustentação deste tipo de narcisismo, uma vez que quanto maiores forem as necessidades de manutenção dessas posições onipotentes narcísicas, maior e mais ameaçadora é a ideia do desamparo. Ora, se as possibilidades de existência de um sujeito se encontram de maneira tão reduzidas a algumas poucas configurações narcísicas, a falha destas artimanhas pode representar uma forte desestruturação. Sendo assim, é contra isto que o narcisismo defensivo arma-se, uma vez que essa defesa acirrada representa para si a possibilidade de seguir sobrevivendo, caracterizando assim uma prisão alienante.

Essa face do narcisismo defensivo criado pelo autor aproxima-se das ideias do homem ressentido e da má-consciência de Nietzsche, pois é justamente essa perspectiva narcísica da humanidade que o filósofo se põe a questionar. Através do discorrer de seu escrito, Jordão cria diversas articulações bem-feitas entre Freud e Nietzsche, questões que lhe são familiares, apesar de em alguns pontos possuírem desfechos distintos.

A segunda faceta do narcisismo proposta pelo livro é aquela que o autor denominou de narcisismo suficientemente bom, o qual tomou emprestado intencionalmente o predicativo de Winnicott; autor em que se apoia para formular suas ideias de certeza de si. Para Jordão, esse narcisismo suficientemente bom é aquele que não mais necessita das confirmações defensivas de onipotência e não cria temerosas fugas à castração e ao desamparo; que não busca mais as confirmações de si e que não dirige as ações deste sujeito em um único caminho de sobrevivência à desintegração. Logo, o autor reconhece que existe outro caráter estruturante do narcisismo, que necessita abrir mão das manobras do narcisismo defensivo, mas sem que isso remeta a uma desestruturação do narcisismo em geral.

Sendo assim, esse segundo modelo de narcisismo proposto por Jordão possui uma estreita ligação com o conceito de certeza de si. Este por sua vez, seria a própria atitude e responsabilidade do sujeito em relação a si mesmo, suas sensações e ações. Para isso, torna-se necessário que as ideias de onipotência, absoluto e unidade deixem de ser os únicos meios desse sujeito de se relacionar consigo e com o mundo em que vive. Para tal, é necessário que a criação da ilusão de onipotência um dia depositada na criança exista, assim como haja a desconstrução desta e a gradual desilusão deste poder. Entretanto, essa última só vai acontecer na medida em que aqueles que lhe oferecerem o ideal onipotente inaugural – os pais –, um dia conseguirem também romper com este ideal.

Contudo, se o narcisismo é uma invenção dos desejos parentais, a criança torna-se a invenção de outros. Entretanto, tomando o aparelho psíquico como uma estrutura de caráter aberto, a noção de certeza de si proposta pelo autor nos indica que é possível haver uma reinvenção, em que o sujeito será responsável por suas atitudes, sentimentos e pensamentos e que haverá infinitas outras formas de existir que podem ser criadas, tendo o diferente um lugar excepcional. Abre-se

aí o caminho da criatividade proposto por Winnicott, o qual é entendido como aquilo que a certeza de si proporciona ao sujeito. Para ser criativo é necessário a abertura ao novo e o abandono da cristalização dos referenciais narcísicos, e isto só é possível uma vez que a desestruturação do que um dia foi familiar não seja ameaçadora a ponto de haver um esfacelamento narcísico do Eu.

Nietzche entende o homem, o qual, através da obra de Jordão, podemos entender como o sujeito do ressentimento inundado por um narcisismo defensivo, como algo a ser ultrapassado. Seria uma ponte, que o “humano, demasiado humano” deveria atravessar a fim de tornar-se naquilo que o filósofo denominou de “além-homem”. Um ser não mais identificado por uma ideia de unidade e onipotência, mas sim capaz de ultrapassar esse único modo de viver aceitando tudo aquilo que lhe é diferente.

Desta maneira, Jordão propõe que é a clínica analítica o lugar por excelência onde acontecerá esta árdua caminhada, esse atravessamento de uma ponte entre o narcisismo defensivo para o narcisismo suficientemente bom. Caminhada de um guerreiro, como diria Nietzsche, o qual desfecha seus golpes mortais contra si mesmo e tudo que nele indique seu narcisismo, onde a reinvenção do que lhe foi inventado é o terreno a conquistar.

Ao lembrar Ferenczi, Jordão escreve que o final de uma análise seria o perdão mútuo e que, junto com a desobrigação, são as ferramentas necessárias para essa travessia. Entende-se esse perdão mútuo descrito por Ferenczi como uma proposta clínica, perdoa os pais e, conseqüentemente, o analista pelo seu desamparo, assim como se perdoa a si mesmo. O perdão do final de uma análise pode ser entendido como a aceitação de que todos somos castrados e desamparados por excelência, onde não há devedores nem credores e que não somos tudo, porém, com o que somos podemos muito.

O livro de Alexandre Abranches Jordão tem uma relevância extrema para a clínica de hoje. Fica claro que os nossos paradigmas não são mais os mesmos desde os tempos freudianos. Precisamos assumir este desafio, desafio de uma clínica que se depara com novas configurações psíquicas, que necessitam de uma complexização metapsicológica, assim como uma ampliação dos limites conceituais psicanalíticos para abarcar esse campo árido das patologias do narcisismo. Jordão nos mostra não apenas o caminho para a clínica atual, mas também o caminho e a postura do psicanalista contemporâneo. É necessário rompermos com o nosso narcisismo defensivo de uma psicanálise única e cristalizada para dar conta do atual e assim sermos capazes de criar a partir daquilo que nos é diferente deste Freud.

*Julia é psicóloga, psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica de Porto Alegre/RS.
Email: jugeyer@gmail.com*

REFERÊNCIA

GAY P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associação psicanalítica